

Richard Dawkins: neodarwinismo, ateísmo e religião (1976-2006)

Richard Dawkins: neo-darwinism, atheism and religion (1976-2006)

*Ricardo Oliveira da Silva**

Resumo

Apesar da posição ateísta do etólogo inglês Richard Dawkins (1941) estar bastante associada à publicação de sua obra *Deus, um delírio* (2006), intelectualmente sua visão de mundo não religiosa foi desenvolvida em suas primeiras obras, particularmente em *O gene egoísta* (1976) e *O relojoeiro cego* (1986). Nesse artigo, busco dissertar sobre como o ateísmo de Richard Dawkins foi forjado no cenário intelectual neodarwinista da segunda metade do século XX. A partir dessa base epistêmica é que ele oferece uma interpretação para o fenômeno religioso no livro *Deus, um delírio*.

Palavras-chave: Richard Dawkins. Neodarwinismo. Ateísmo. Religião.

Abstract

Although the atheist position of the English ethologist Richard Dawkins (1941) is closely associated with the publication of his work *The god delusion* (2006), intellectually, his non-religious worldview was developed in his early works, particularly in *The selfish gene* (1976) and *The blind watchmaker* (1986). In this article, my objective is to talk about how the neo-Darwinism intellectual scene of the second half of the 20th century forged Richard Dawkins' atheism. Based on this epistemic basis, he develops an interpretation of the religious phenomenon presented in the book *The god delusion*.

Keywords: Richard Dawkins. Neo-darwinism. Atheism. Religion.

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013). Líder do grupo de pesquisa História Intelectual nos Séculos 19 e 20: Filosofia, Cultura e Política. E-mail: ricardorussell@gmail.com.

[...], antes de Darwin, o ateísmo até poderia ser logicamente sustentável, mas [...] só depois de Darwin é possível ser um ateu intelectualmente satisfeito. – Richard Dawkins

Introdução

No atual cenário público, o nome do cientista Richard Dawkins é habitualmente associado ao ativismo ateu. Essa identificação se consolidou após a publicação do livro *Deus, um delírio*, em 2006, uma contundente crítica às ideias religiosas e, ao mesmo tempo, uma defesa do ateísmo como visão de mundo intelectualmente plausível e satisfatória.

Nesse artigo, procuro ressaltar a especificidade do ateísmo de Richard Dawkins como produto do cenário intelectual inglês de desenvolvimento das ideias neodarwinistas da segunda metade do século XX, sendo a obra *Deus, um delírio* um desdobramento desse debate, mas sob influência da conjuntura histórica dos atentados de 11 de setembro de 2001. Para realizar essa tarefa, dividi o texto em três partes: a) exposição das discussões em torno de *Deus, um delírio*; b) o perfil do ateísmo neodarwinista de Richard Dawkins; c) sua crítica neodarwinista ao fenômeno religioso.

1. Uma obra, muitas polêmicas: *Deus, um delírio*

Em 2006, Richard Dawkins, com uma carreira de destaque na área das ciências naturais e na divulgação científica por meio de obras como *O gene egoísta* (1976), *O fenótipo estendido* (1982), *O relojoeiro cego* (1986), *O rio que saía do éden* (1995), *Desvendando o arco-íris* (1998), e *O capelão do diabo* (2003), publicou o livro *Deus, um delírio*. Esta obra tornou-se um *best-seller* no ano de seu lançamento, ficando por semanas na lista dos mais vendidos do *New York Times* e do *site* de vendas Amazon. Além disso, ganhou traduções e foi publicada em diversos países, com uma edição brasileira já em 2007.

Deus, um delírio foi concebido contemplando, entre seus objetivos, a defesa da bandeira do ateísmo. Richard Dawkins foi explícito sobre esse ponto no prefácio do livro:

Minha quarta conscientização diz respeito ao orgulho ateu. Não há nada de que se desculpar por ser ateu. Pelo contrário, é uma coisa da qual se deve ter orgulho, encarando o horizonte de cabeça erguida, já que o ateísmo quase sempre indica uma independência

de pensamento saudável e, mesmo, uma mente saudável (Dawkins, 2007a, p. 26-27).

Para o autor, muitas pessoas saberiam que eram ateias, mas não se atreveriam a admitir isso para suas famílias e, em alguns casos, nem para si. Em parte, isso ocorreria “porque a própria palavra ‘ateu’ frequentemente é usada como um rótulo terrível e assustador” (Dawkins, 2007a, p. 27). Nesse sentido, *Deus, um delírio* é um apelo para que as pessoas que não creem em um deus não se sintam culpadas ou envergonhadas por não terem essa crença.

Mas *Deus, um delírio* enfatiza de modo especial uma crítica às religiões, particularmente aquelas de matriz abraâmicas (o judaísmo, o cristianismo, o islamismo). Richard Dawkins buscou refutar os argumentos sobre a existência de Deus e denunciar a religião como um fenômeno social nocivo, como no caso da educação religiosa de crianças. Uma crítica acoplada a uma finalidade: “Se este livro funcionar do modo como pretendo, os leitores religiosos que o abrirem serão ateus quando o terminarem” (Dawkins, 2007a, p. 29).

O livro gerou um debate intenso ao ser publicado. Algumas das manifestações foram elogiosas. O biólogo molecular James D. Watson afirmou que “a irracionalidade religiosa [...] muitas vezes apresenta sérios obstáculos ao aperfeiçoamento humano. Para se opor a ela de forma eficaz, o mundo precisa de racionalistas igualmente apaixonados [...]. Richard Dawkins se destaca pela inteligência corante de *Deus, um delírio*” (Watson, 2008, s/p, tradução minha). O psicólogo Steven Pinker declarou que “*Deus, um delírio* desmente os chavões preguiçosos e calmanetes que as pessoas adotam para escapar da responsabilidade de pensar seriamente sobre a crença religiosa” (Pinker, 2008, s/p, tradução minha). Já o químico Harry Kroto manifestou que “Dawkins, com lúcida simplicidade, expõe a pobreza intelectual dos estratagemas usados pelos propagadores das ideias religiosas fundamentalistas [...]” (Kroto, 2008, s/p, tradução minha). E ele foi ainda mais categórico sobre o tema abordado em *Deus, um delírio* ao dizer que “o aperto cada vez maior da crença mística irracional não apenas extinguirá o iluminismo, mas também, nesta era de armas monstruosas, toda a raça humana” (Kroto, 2008, s/p, tradução minha).

Entre os que parabenizaram *Deus, um delírio*, nota-se a ênfase na religião como um fenômeno irracional e fundamentalista e, até mesmo, uma ameaça aos valores seculares forjados no iluminismo europeu. Contudo, a obra foi igualmente

alvo de severas críticas. O teólogo Alister McGrath, em parceria com a esposa Joanna McGrath, dedicou um livro para rebater *Deus, um delírio*. Eles afirmaram que esse é “em geral pouco mais que um ajuntamento de factoides convenientemente exagerados para alcançar o impacto máximo e fragilmente organizados para sugerir que constituem um argumento” (MacGrath, 2007, p. 18).

Alister e Joanna MacGrath disseram que Richard Dawkins, reconhecido divulgador da ciência, a deixou de lado em *Deus, um delírio*, livro onde “há muita especulação pseudocientífica associada a críticas culturais mais amplas sobre a religião, a maioria das vezes emprestada de antigos escritores ateus” (MacGrath, 2007, p. 16). Uma opinião compartilhada pelo filósofo Alvin Plantinga, que ressaltou que *Deus, um delírio* “contém pouca ciência; é em grande parte filosofia e teologia [...] e psicologia evolucionista, junto com seus comentários sociais denegrindo a religião e seus efeitos maléficos” (Plantinga, 2007, s/p).

O filósofo marxista britânico Terry Eagleton frisou o que seria um dos principais problemas de Richard Dawkins: a carência de conhecimento teológico, associado à ideia de que a ciência pode dar respostas para todas as dúvidas humanas, inclusive tratando Deus como hipótese científica, algo visível em *Deus, um delírio*, onde “Dawkins rejeita o caso seguramente razoável de que ciência e religião não estão em competição com o fundamento de que isso isola a religião da investigação racional” (Eagleton, 2006, s/p, tradução minha). Michael Ruse, filósofo inglês, comunga da opinião de que R. Dawkins vê ciência e religião como conhecimentos conflitantes, e não distintos, algo característico dos intelectuais neoateus, indivíduos que passaram a se manifestar no espaço público sob o impacto dos atentados promovidos por terroristas árabes nos EUA em 11/09/2001, os quais usaram a religião como justificativa. Nos novos ateus, esse fato teria acalentado a defesa do secularismo iluminista, permeado por uma hostilidade às religiões, e expresso por meio de uma linguagem pouco sofisticada e inteligente. Michael Ruse é categórico ao dizer que “*Deus, um delírio* me deixou envergonhado de ser ateu” (Ruse, 2019, p. 33, tradução minha).

O que se percebe nas críticas à *Deus, um delírio* é a acusação de que Richard Dawkins se opõe às ideias e práticas religiosas sem possuir um domínio sólido sobre teologia e religião como fenômeno social. Mais do que isso: Richard Dawkins busca enquadrar nas lentes do conhecimento científico os temas relativos ao universo das crenças e práticas religiosas. Alister e Joanna MacGrath qualificaram

como fundamentalista essa postura: “Dawkins [...] está tão convencido da correção de suas concepções que não se permite acreditar que as evidências possam legitimar quaisquer outras opções – sobretudo opções *religiosas*” (MacGrath, 2007, p. 19, grifo do original). O filósofo Scott Randall Paine vê nisso um fundamentalismo ateu: “atitudes ateias e agnósticas, apoiando-se nos resultados da ciência [...] – não são menos suscetíveis da degeneração do discurso e da geração de antagonismos desnecessários. Não são menos fundamentalistas” (Paine, 2010, p. 25-26).

Richard Dawkins ganhou projeção como ativista ateu após a publicação de *Deus, um delírio*. Eu diria até que seu ateísmo ficou identificado com essa obra. Uma consequência disso é que parte da crítica passou a ver seu ateísmo como fundamentalista e dogmático, o que ofusca os detalhes da natureza epistêmica de seu ateísmo em decorrência de sua crítica à religião. Como escreveu Donald R. Burleson sobre R. Dawkins: “sua posição filosófica sobre o ateísmo, de fato, é melhor compreendida em termos de sua orientação como cientista” (Burleson, 2008, p. 27). É essa orientação, formada nas últimas décadas do século XX sob influência do neodarwinismo, que eu gostaria de ressaltar na sequência do artigo, para mais tarde retomar a abordagem sobre religião em *Deus, um delírio*.

2. Neodarwinismo e ateísmo

Richard Dawkins, cujo nome completo é Clinton Richard Dawkins, nasceu no continente africano, mais precisamente em Nairóbi, capital do Quênia, em 1941. Filho de pais ingleses cujo genitor na época trabalhava para o departamento agrônomo do serviço colonial do Império Britânico, uma atividade realizada nos territórios que a Inglaterra havia conquistado nos continentes africano e asiático durante o século XIX, Dawkins foi morar na Inglaterra em 1949, quando seu pai assumiu uma propriedade familiar como herança (Dawkins, 2015).

Conforme sua autobiografia, Richard Dawkins estudou em colégios internos de orientação anglicana. Seus antepassados tinham histórico de vínculo com a Igreja Anglicana, com vários deles tendo ocupado funções nela. No início da adolescência ele foi crismado. Segundo relata: “tornei-me profundamente religioso por volta da época em que fiz a crisma. Todo carolinha, censurava minha mãe por não frequentar a igreja” (Dawkins, 2015, p. 109). O período de fervor religioso foi efêmero na vida de Richard Dawkins. O desconforto com as doutrinas anglicanas, como a ideia de que todo indivíduo é um pecador nato, e o fato de saber que o

cristianismo era apenas uma religião entre outras, plantou a semente da dúvida em seu pensamento. Ainda assim, manteve por um tempo a crença em uma espécie de criador inespecífico: “basicamente porque ficava impressionado com a beleza e o aparente desígnio ou projeto do mundo vivo, e me iludi [...] a crer que a aparência de um projeto exigia um projetista” (Dawkins, 2015, p. 146-147). Por fim, ele aponta:

Fui compreendendo cada vez mais que a evolução darwiniana era uma alternativa potente ao meu deus criador como explicação da beleza e do aparente projeto da vida. [...] Passei por um período em que duvidei do poder da seleção natural de dar conta do serviço. Por fim um amigo [...] convenceu-me de toda a força da brilhante ideia darwiniana. Foi quando larguei meu último vestígio de credulidade teística, acho que por volta dos dezesseis anos (Dawkins, 2015, p. 148-149).

A partir da autobiografia se percebe que Richard Dawkins se tornou ateu ainda na adolescência, e já sob influência das ideias darwinistas. A formação acadêmica consolidou esse referencial. Ele estudou nos anos 1960 na Universidade de Oxford, onde cursou graduação em Zoologia e realizou o doutorado sob orientação de renomado etólogo Niko Tinbergen (1907-1988). Na década de 1970 ele fez pesquisas que resultaram na publicação do seu primeiro livro, em 1976: *O gene egoísta* (Dawkins, 2015). Para Clarisse de Franco, “a semente do ateísmo contemporâneo foi lançada por [...], Richard Dawkins, em [...] *O gene egoísta*, mesmo de maneira ainda não consciente e não dirigida ao tema” (Franco, 2014, p. 59). Na autobiografia, Richard Dawkins afirmou que esse livro foi um corolário da teoria neodarwiniana. Esse me parece ser um ponto crucial para entender sua concepção de ateísmo.

Antes de mais nada, uma breve palavra sobre o darwinismo. O termo aqui é utilizado para se referir às ideias do naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882), apresentadas no livro *A origem das espécies*, de 1859. Como expresso nessa obra, a evolução das espécies se deve à seleção natural, que privilegia os indivíduos que se adaptam melhor ao ambiente e que deixam um maior número de descendentes, de modo que o grupo resultante de sua reprodução se diferencia progressivamente do grupo original até constituir uma nova espécie. Não obstante, “a seleção natural não explica as diferenças iniciais entre os indivíduos, que levam alguns a adaptar-se ao seu ambiente e outros não” (MacDowell, 2011, p. 89).

A lacuna básica do darwinismo foi suprida pela redescoberta das pesquisas de Gregor Mendel (1822-1884), no início do século XX, e pela identificação dos genes como elementos da estrutura celular e de suas mutações. O trabalho de G. Mendel estabeleceu as seguintes premissas: a) cada traço manifesto de um organismo (fenótipo) é determinado por um fator próprio (gene) herdado dos pais; b) este fator é constituído por dois elementos constantes na espécie (alelos), herdados um de cada pai, e em cada indivíduo podem ser idênticos (homozigoto) ou distintos (heterozigoto); c) um desses elementos é dominante e o outro recessivo, ou seja, não se manifesta quando o outro é distinto; d) um traço não manifesto em um indivíduo pode ser transmitido aos descendentes. (MacDowell, 2011).

De acordo com João A. MacDowell, a partir das pesquisas de Charles Darwin e de Gregor Mendel foi possível o surgimento da teoria sintética ou neodarwinismo, a qual explica a diferenciação das espécies pela conjugação das mutações genéticas e da seleção natural: “das mutações genéticas resultam novas *características fenotípicas*, que diferenciam os indivíduos de uma mesma população, de modo que eles passam a adaptar-se em graus diversos ao meio ambiente” (MacDowell, 2011, p. 90, grifo do original). Com isso, tem-se uma definição genética da evolução como a soma total das mudanças herdadas geneticamente nos indivíduos que partilham o banco (*pool*) de genes de uma população. Em face disso, “a *teoria sintética* admite que a evolução é um processo inteiramente imprevisível. *A posteriori*, por uma visão retrospectiva, pode-se explicar, em princípio, por que ela aconteceu de tal maneira” (MacDowell, 2011, p. 92, grifo do original).

Para João A. MacDowell, o livro *O gene egoísta* “apresenta e justifica a evolução das espécies à luz da teoria neodarwinista” (MacDowell, 2011, p. 97). Eduardo Paiva de Pontes Freitas e Silvia Nogueira Chaves afirmam que Richard Dawkins, ao cunhar a expressão *gene egoísta*, sintetizou a expressão símbolo da *revolução egoísta* ocorrida nas ciências biológicas nas décadas de 1960 e 1970, liderada por neodarwinistas como George Williams e William Hamilton, revolução que consistiu em atribuir funções biológicas aos genes “até então mal enfatizadas na seleção natural, no comportamento das espécies e em características geneticamente determinadas” (Vieira; Chaves, 2009, p. 01). Por sua vez, Alan Grafen destaca que “a análise forense de Dawkins em termos de replicadores providenciou para a biologia um novo entendimento da lógica darwiniana” (Grafen, 2006, p. 66, tradução minha). Diante desse conjunto de afirmações, na sequência apresento as

ideias neodarwinistas de Richard Dawkins e como elas propiciam uma visão de mundo ateuista.

No prefácio escrito para a edição de 1989 do seu livro, Richard Dawkins afirmou que a teoria do gene egoísta era a teoria de Charles Darwin, mas enunciada enquanto um desenvolvimento lógico do neodarwinismo: “Em vez de focalizar o organismo individual, ela apresenta uma perspectiva da natureza a partir do ponto de vista dos genes” (Dawkins, 2007b, p. 22). O argumento central do livro é que tanto humanos como animais são máquinas criadas pelos genes. Uma característica predominante de um gene bem-sucedido é o egoísmo implacável. Em geral, o egoísmo do gene dá origem a um comportamento individual egoísta, ainda que, em determinadas circunstâncias, um gene pode atingir mais efetivamente seus próprios objetivos egoístas cultivando uma forma limitada de altruísmo, que se manifesta no nível do comportamento individual. O comportamento egoísta é definido por Richard Dawkins como aquele cuja finalidade é alcançar um bem-estar entendido como uma probabilidade de sobrevivência (Dawkins, 2007b).

Richard Dawkins apresenta sua tese como uma alternativa à chamada teoria da seleção de grupo, defendida por pesquisadores como V.C. Wynne-Edwards e Robert Ardrey. De acordo com essa teoria, um grupo, como uma espécie ou uma população dentro de uma espécie, cujos membros individuais estejam prontos a se sacrificar pelo bem-estar do grupo, correria “menos risco de extinção do que um grupo rival cujos membros colocam os próprios interesses egoístas em primeiro lugar” (Dawkins, 2007b, p. 47). Essa visão teria apelo pelo fato de se afinar com os ideais morais e políticos partilhados pela maioria das pessoas, que gostam de reverenciar e admirar aqueles que colocam o bem-estar dos outros em primeiro lugar. Contudo, para Richard Dawkins, “a unidade fundamental da seleção, e, portanto, do interesse próprio, não é a espécie, nem o grupo e, tampouco, num sentido estrito, o indivíduo, e sim o gene, a unidade da hereditariedade” (Dawkins, 2007b, p. 52).

O tema da origem da vida é o ponto inicial para Richard Dawkins desenvolver sua perspectiva analítica. Segundo ele, não se sabe que matérias-primas químicas eram abundantes na Terra antes do aparecimento da vida, estando, entre as mais plausíveis, água, dióxido de carbono, metano e amônia. Sob a influência da energia, como a luz ultravioleta emanada pelo sol, essa sopa primordial se combinou em moléculas maiores, onde

Em algum momento formou-se, por acidente, uma molécula particularmente notável. Vamos chamá-la de o *Replicador*. Não é preciso que ela tenha sido a maior ou a mais complexa molécula existente, porém ela tinha uma propriedade extraordinária: a capacidade de criar cópias de si mesma (Dawkins, 2007b, p. 59, grifo do original).

O replicador que apareceu tinha estabilidade, ou seja, vivia tempo suficiente para produzir novas cópias. Richard Dawkins destaca que o processo de replicação não era perfeito, ocorrendo erros que originaram uma variedade de replicadores. Uma segunda propriedade dessas moléculas foi a velocidade de replicação ou fecundidade, que aumentou sua população. A terceira característica, favorecida pelo processo de evolução, foi a precisão da replicação, apesar dos erros ocasionais. Por fim, a competição, uma vez que a sopa primordial não tinha capacidade de prover o sustento de um número infinito de moléculas replicadoras, isso levou os replicadores a criarem máquinas de sobrevivência em cujo interior pudessem viver. Em um processo evolutivo de longa duração, esses replicadores criaram “o nosso corpo e a nossa mente, e a preservação deles é a razão última da nossa existência. Percorreram um longo caminho, esses replicadores. Agora, eles respondem pelo nome de genes, e nós somos suas máquinas de sobrevivência” (Dawkins, 2007b, p. 66).

Richard Dawkins reconhece que a forma como ele apresenta o seu raciocínio dá a entender que os genes atuais, formados por DNA, seriam iguais aos replicadores encontrados na sopa primordial. Os replicadores originais podem ter sido um tipo de molécula aparentada ao DNA, ou inteiramente diferentes. Independentemente disso, o fato é que quem comanda hoje é o DNA, definido por Richard Dawkins como “uma longa cadeia de blocos de construção, pequenas moléculas chamadas de nucleotídeos” (Dawkins, 2007b, p. 68). As moléculas de DNA realizam duas coisas importantes: elas produzem cópias de si mesmas e supervisionam indiretamente a fabricação da proteína, elemento que é o primeiro passo na formação de um corpo. Já o gene é definido pelo autor como “qualquer porção de material cromossômico que, potencialmente, dura um número suficiente de gerações para servir como unidade de seleção natural” (Dawkins, 2007b, p. 79). Diferentemente das máquinas de sobrevivência individuais, cuja vida dura poucas décadas, o gene não envelhece, saltando de um corpo para outro, via reprodução, e fugindo da morte.

Os pontos que destaquei nos parágrafos acima expressam as teses centrais de *O gene egoísta*. Para Richard Dawkins, o gene seria a unidade fundamental da

seleção natural, o qual age de forma egoísta para perpetuar sua sobrevivência. Contudo, o comportamento egoísta ou altruísta das máquinas de sobrevivência (animais) é comandado apenas indiretamente pelo gene: “as decisões sobre o que fazer em cada momento são tomadas pelo sistema nervoso” (Dawkins, 2007b, p. 128). Gustavo Leal Toledo chama atenção para o fato de que a tese do replicador é a base para o darwinismo universal, ou seja, se uma substância diferente do DNA puder se replicar, também será alvo da seleção natural: “isso quer dizer que a evolução não depende do substrato biológico aqui da Terra, de sorte que ela pode se dar em outros planetas, com outros substratos” (Toledo, 2013, p. 188).

A explicação sobre a origem e a evolução da vida apresentada em *O gene egoísta* não menciona a ideia de um deus criador, tema abordado apenas no capítulo sobre os memes, assunto abordado na terceira parte desse artigo. Richard Dawkins, que já é bastante explícito em sua posição intelectual neodarwinista na obra de 1976, realça-a, mais uma vez, em *O relojoeiro cego* ao dizer que “quero persuadir o leitor de que a visão de mundo darwiniana não apenas é verdadeira, mas é também a única teoria conhecida que poderia em princípio solucionar o mistério de nossa existência” (Dawkins, 2001, p. 11).

Além de fazer uma defesa do darwinismo, *O relojoeiro cego* foi publicado em 1986 com o propósito de refutar a perspectiva religiosa do desígnio divino como teoria explicativa alternativa para a evolução. Acredito que essa obra contribui para enfatizar a visão de mundo ateuísta de Richard Dawkins. O livro inicia com a constatação de que as formas de vida existentes na Terra são as mais complexas do universo conhecido. Esse fato aguça no ser humano o interesse de saber como essas formas de vida vieram a existir e por que elas são complexas. Para Richard Dawkins, a biologia pode fornecer essas respostas. Porém, ao longo da história uma parte significativa das pessoas acreditou que a complexidade das formas de vida só poderia ser fruto de um projetista consciente. O exemplo apresentado em *O relojoeiro cego* é o trabalho do teólogo William Paley (1743-1805).

No livro *Natural Theology*, publicado em 1802, William Paley apresentou o argumento do desígnio, o qual, segundo Richard Dawkins, é “até hoje o mais influente dos argumentos em favor da existência de um Deus” (Dawkins, 2001, p. 21). Um exemplo é ilustrativo para definir o argumento do desígnio: imagine que, ao cruzar um descampado, uma pessoa se depare como um relógio. Diferente dos

objetos físicos naturais, como as pedras, os objetos manufaturados, como os relógios, possuem um criador, mesmo aqueles encontrados em um descampado. Para William Paley, esse raciocínio também seria válido para as obras da natureza, frutos de um criador divino. Mas o que seria uma coisa complexa? Para Richard Dawkins, seria aquela que possui uma qualidade cuja aquisição é improvável por mero acaso. No caso dos seres vivos, essa qualidade é uma espécie de proficiência, seja numa atividade específica como voar, ou, de modo mais geral, a capacidade de propagar os genes pela reprodução. A seleção natural explica isso, mas ela não pressupõe uma mente intencional: “Se é que se pode dizer que ela desempenha o papel de relojoeiro da natureza, é o papel de um relojoeiro *cego*” (Dawkins, 2001, p. 24, grifo do original).

De acordo com Richard Dawkins, a seleção natural é um relojoeiro cego porque não prevê, não planeja consequências e não tem um propósito em vista. Mas os resultados da seleção natural deixam as pessoas pasmas “porque parecem ter sido estruturados por um relojoeiro magistral, dando uma ilusão de desígnio e planejamento” (Dawkins, 2001, p. 42). Mas, o surgimento das formas de vida complexas ocorre por meio de transformações graduais, passo a passo, de entidades primordiais suficientemente simples para terem surgido por acaso. O processo cumulativo das mudanças foi dirigido pela sobrevivência não aleatória:

As ondas não têm propósitos nem intenções, não têm mente metódica, não têm mente nenhuma. Simplesmente jogam as pedras com força na praia, e, como pedras grandes e pedras pequenas sofrem efeitos diferentes com esse tratamento, acabam parando em níveis diferentes na areia. Um pouquinho de ordem surgiu da desordem sem que alguma mente houvesse planejado esse resultado (Dawkins, 2001, p. 74).

As ondas e as pedras constituem, juntas, um exemplo simples de um sistema que gera automaticamente uma não aleatoriedade. A crença de que a evolução darwinista é aleatória seria inverídica: “O acaso é um ingrediente secundário na receita darwiniana; o ingrediente mais importante é a seleção cumulativa, que é um fator absolutamente *não* aleatório” (Dawkins, 2001, p. 83). Contudo, se analisado retrospectivamente, o que parece ser um progresso na direção de algum objetivo distante é uma consequência fortuita da seleção de curto prazo por meio de numerosas gerações: “A seleção natural cumulativa é um ‘relojoeiro’ cego para o futuro e sem um objetivo de longo prazo” (Dawkins, 2001, p. 85).

Apesar das evidências coletadas no mundo natural a favor da evolução darwiniana, ainda persiste a incredulidade intuitiva sobre órgãos de extrema perfeição e complexidade. Richard Dawkins elenca dois motivos para isso: primeiro, o fato de o ser humano ser incapaz de uma apreensão intuitiva do vasto tempo à disposição da mudança evolutiva; segundo, a aplicação intuitiva da teoria da probabilidade, a qual, a partir da observação errônea de fatos da natureza, postula que “o conjunto da obra perfeita tem de ter sido concluído simultaneamente” (Dawkins, 2001, p. 71). Com base nisso, recorre-se à tese criacionista: seja na versão de que todas as formas de vida foram criadas ao mesmo tempo em um mesmo momento, a *criação instantânea*; seja na versão de que a evolução foi arquitetada por um projetista inteligente, a *evolução guiada*. Em comum está o propósito de postular Deus como protagonista explicativo da origem e complexidade das formas de vida.

3. Neodarwinismo e religião

O gene egoísta e *O relojoeiro cego* são obras complementares no sentido de fundamentarem o ateísmo neodarwinista de Richard Dawkins. Portanto, ao publicar *Deus, um delírio*, ele já tinha elaborado uma visão de mundo não religiosa. Além disso, R. Dawkins já havia publicado diversos livros e consolidado uma posição de divulgador científico, exemplificado pela titularidade da disciplina Compreensão Pública da Ciência, de Oxford. Essa disciplina foi idealizada pelo programador Charles Simonyi (1948) com o intuito de esclarecer ideias e conceitos científicos para o grande público. O primeiro titular da disciplina foi Richard Dawkins, responsável por suas aulas entre 1995 e 2008. (Ferreira, 2017).

Clarissa de Franco (2014) afirma que *Deus, um delírio* é uma obra que demarca uma mudança de rumo na posição pública de Richard Dawkins como divulgador de ciência, ao fundir a figura do cientista com a do militante ateu. Stephen LeDrew (2016) ressalta que, além do aspecto de militância ateuista, o livro expressa uma crítica às tentativas de implantação do ensino do *design inteligente* nas escolas públicas, um movimento perceptível nos EUA a partir da década de 1990, e a ameaça que o fundamentalismo religioso representaria para as sociedades seculares e laicas do Ocidente após os atentados de 11 de setembro de 2001, quando terroristas jogaram aviões contra as Torres Gêmeas, em Nova York, e contra o Pentágono, em Washington, usando a religião islâmica como justificativa.

O parecer contido em *Deus, um delírio* sobre as ideias religiosas, em especial o significado de Deus, e a religião como fenômeno social, galvanizou a atenção do público e da crítica. Apesar de o livro se opor à possibilidade de existência de qualquer deus sobrenatural, o Deus ao qual se refere o título é de modo particular o das religiões abraâmicas. Segundo R. Dawkins, o Deus do Antigo Testamento seria talvez um dos personagens mais desagradáveis da ficção, ao qual ele atribui diversos adjetivos: “ciumento, e com orgulho; controlador mesquinho, injusto e intransigente; genocida étnico e vingativo, sedento de sangue; perseguidor misógeno, homofóbico, racista, infanticida, filicida, pestilento, megalomaniaco, sadomasoquista, malévolo” (Dawkins, 2007a, p. 55). O Antigo Testamento seria expressão do judaísmo, um culto tribal a um Deus único que tinha uma obsessão mórbida por restrições sexuais, cheiro de carne queimada e superioridade em relação aos deuses rivais. O cristianismo foi fundado por Paulo de Tarso no século I a partir de uma seita judaica, a dos seguidores de Jesus, o qual ofereceu o Deus judaico como o único Deus verdadeiro para toda humanidade. Mais tarde, no século VI, foi fundado o islamismo, retomando o monoteísmo inflexível do original judaico e “acrescentando uma forte ideologia de conquista militar à disseminação da fé” (Dawkins, 2007a, p. 64).

Richard Dawkins define o Deus das religiões abraâmicas (o judaísmo, o cristianismo, o islamismo) como uma inteligência sobre-humana e sobrenatural que projetou e criou deliberadamente o universo e tudo o que há nele. Esse Deus existiria? Para ele, seria improvável:

Qualquer inteligência criativa, de complexidade suficiente para projetar qualquer coisa, só existe como produto final de um processo extenso de evolução gradativa. Inteligências criativas, por terem evoluído, necessariamente chegam mais tarde ao universo e, portanto, não podem ser responsáveis por projetá-lo. Deus, no sentido da definição, é um delírio. (Dawkins, 2007a, p. 56, grifo do original).

A citação acima evidencia o neodarwinismo de Richard Dawkins, por meio do qual afirma que “a existência de Deus é uma hipótese científica como qualquer outra” (Dawkins, 2007a, p. 79). Essa postura o faz refutar duas perspectivas. Uma delas é o agnosticismo. O autor de *Deus, um delírio* distingue duas formas de agnosticismo: o agnosticismo temporário na prática, quando existe uma resposta definitiva para um lado ou outro de uma questão, mas ainda faltam evidências para corroborar a resposta; e o agnosticismo permanente por princípio, referente

a dúvidas que jamais poderão ser respondidas, não importa a quantidade de provas coletadas, pelo fato de a própria ideia de prova não se aplicar ao tema debatido. Para Richard Dawkins, muitos filósofos, e até mesmo cientistas, situam a existência de Deus na categoria do agnosticismo permanente por princípio. Contudo, “a existência ou inexistência de Deus é um fato científico sobre o universo, passível de ser descoberto por princípio, se não na prática” (Dawkins, 2007a, p. 79).

A segunda perspectiva refutada por Richard Dawkins é a tese dos “magistérios não interferentes”, apresentada por Stephen Jay Gould no livro *Pilares do tempo*. Nessa obra, foi defendido que o magistério da ciência abrange o âmbito do empírico, do que o universo é feito (fato) e por que ele funciona desse modo (teoria). Já o magistério da religião diria respeito a questões de significado definitivo e valor moral. Seriam dois magistérios que não sobreporiam e nem englobariam todas as dúvidas. Para Richard Dawkins, essa tese soaria como o agnosticismo do tipo permanente e irrevogável: “Implica que a ciência não pode nem fazer juízos de *probabilidade* sobre a questão” (Dawkins, 2007a, p. 89, grifo do original).

A reflexão em *Deus, um delírio* sobre a maneira de analisar a existência de Deus é acompanhado da investigação sobre a origem da religião. Esse é o tema central do quinto capítulo em que Richard Dawkins oferece uma explicação neodarwinista. Para ele, a religião seria um “subproduto indesejado e infeliz de uma propensão psicológica subliminar que, em outras circunstâncias, é, ou foi um dia, útil” (Dawkins, 2007a, p. 230). Com o intuito de explicar o que seria esse subproduto, R. Dawkins menciona as crianças como uma hipótese específica. De acordo com ele, os seres humanos sobrevivem pela experiência acumulada pelas gerações anteriores, e essa experiência precisa ser transferida às crianças em nome de sua proteção e bem-estar. Nesse sentido, haveria uma vantagem seletiva para cérebros de crianças dotados da regra geral: “obedeça a seus pais; obedeça aos anciões da tribo, especialmente quando eles adotam um tom solene e ameaçador” (Dawkins, 2007a, p. 230-231). Ou seja:

A seleção natural constrói o cérebro das crianças com a tendência de acreditar em tudo que seus pais ou líderes tribais lhe disserem. Tais confiança e obediência são valiosas para a sobrevivência [...]. Mas o lado ruim da obediência insuspeita é a credulidade escrava. O subproduto inevitável é a vulnerabilidade à infecção por vírus mentais. (Dawkins, 2007a, p. 233).

A religião como subproduto acidental darwiniano é a teoria defendida em *Deus, um delírio*. Já o processo de evolução das religiões é apresentado como tendo certa dose de aleatoriedade, a partir de um início arbitrário o bastante para gerar a diversidade de crenças religiosas produzidas ao longo da história. Porém, “embora a seleção darwiniana convencional de genes possa ter favorecido predisposições psicológicas que produzam a religião como subproduto, é improvável que ela tenha forjado os detalhes” (Dawkins, 2007a, p. 252). É nesse ponto que Richard Dawkins fala sobre a relação do fenômeno das religiões com os memes, tema apresentado pela primeira vez em sua obra de 1976, *O gene egoísta*.

O último capítulo de *O gene egoísta* dedica-se à exposição da teoria dos memes. Ali foi reafirmado que o gene, a molécula de DNA, era a entidade replicadora mais comum do planeta. Contudo, não seria o único tipo de replicador que influenciaria no processo evolutivo. Em relação aos seres humanos, haveria presente em seu caldo cultural o meme:

[...] uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de *imitação*. [...] Tal como os genes se propagam no *pool* gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no *pool* dos memes saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido mais amplo, pode ser chamado de imitação. (Dawkins, 2007b, p. 330, grifo do original).

Um exemplo de meme citado por Richard Dawkins é a ideia de Deus. Segundo ele, não se sabia como foi que essa ideia surgiu no *pool* dos memes. De todo modo, era uma ideia muito antiga. O processo de replicação ocorria pela palavra falada e escrita, auxiliada pela música e pela arte. O valor de sobrevivência do meme Deus no *pool* dos memes resultaria do seu apelo psicológico. Esse meme forneceria uma explicação superficialmente plausível para questões profundas e perturbadoras a respeito da existência humana: “Sugere que injustiças deste mundo podem ser compensadas num próximo. Os ‘braços eternos’ oferecem uma proteção contra as nossas próprias deficiências [...]” (Dawkins, 2007b, p. 331).

A imitação, em um sentido amplo, seria o processo por meio do qual os memes podem se replicar. Mas, assim como nem todos os genes têm sucesso no processo de replicação, o mesmo ocorre com os memes. Para ter sucesso, ele precisaria cumprir a exigência da longevidade, fecundidade e fidelidade da cópia. Além disso, o êxito de um meme também poderia ocorrer associado a outros memes. No

caso do meme religioso: “Talvez pudéssemos considerar uma igreja organizada, com sua arquitetura, seus rituais, leis, música, arte e tradição escrita, um conjunto estável, co-adaptado, de memes que se promoveriam mutuamente” (Dawkins, 2007b, p. 338). Sendo assim, “a seleção favorece os memes que exploram o seu ambiente cultural em proveito próprio. Esse ambiente cultural consiste em outros memes que também são objeto de seleção” (Dawkins, 2007b, p. 340).

Nesse sentido, além de um subproduto psicológico, a religião é interpretada em *Deus, um delírio*, sob a ótica da teoria dos memes. Algumas ideias religiosas sobrevivem por serem compatíveis com outros memes que já são numerosos no universo dos memes, o chamado memeplexo, “um conjunto de memes que, embora não sejam necessariamente bons sobreviventes isoladamente, são bons sobreviventes na presença de outros membros [...]” (Dawkins, 2007a, p. 262). Alguns exemplos de memes que interagem entre si seriam a ideia de que o ser humano sobrevive à própria morte, a crença em Deus como virtude suprema e a virtude da fé (crença sem evidência). Richard Dawkins finaliza dizendo que, nos estágios iniciais da evolução de uma religião, antes de ela ter se tornado organizada, os memes simples sobreviviam devido a seu apelo universal à psicologia humana: “É aí que a teoria memética da religião e a teoria do subproduto psicológico se sobrepõem” (Dawkins, 2007a, p. 265).

Após a exposição de alguns tópicos de *Deus, um delírio*, penso que se pode concluir que se trata de uma obra neodarwinista. A religião e o tema da existência de Deus são analisados a partir dessa perspectiva. Em termos interpretativos, não me parece que ela inove na comparação com livros anteriores de Richard Dawkins. O que realmente chama atenção é a linguagem combativa relativamente às crenças religiosas e a tentativa de escrutínio de assuntos teológicos. Como destaquei na primeira parte do artigo, tal foi apontado por críticos como uma limitação de R. Dawkins, o qual não teria domínio sobre esses temas.

Deus, um delírio também reforça a especificidade do ateísmo de Richard Dawkins, cujas raízes podem ser detectadas em *O gene egoísta*. João A. MacDowell qualifica a perspectiva do escritor inglês como evolucionismo ateu, ou seja, “a ideia de que a aceitação da teoria biológica da evolução exclui a afirmação de Deus e da criação do mundo” (MacDowell, 2011, p. 86). Adepto da tese dos magistérios não interferentes, ele vai dizer que as teorias científicas e as conclusões nelas fundadas

não podem conflitar, em princípio, com as afirmações teológicas ou filosóficas, porque não se referem à mesma coisa sob o mesmo aspecto: “A contradição implica que o objeto de afirmação e negação seja encarado sob a mesma perspectiva” (MacDowell, 2011, p. 100). Mas é exatamente isso que faz R. Dawkins.

A teologia cristã teria como objetivo compreender e interpretar racionalmente a revelação bíblica, que é uma mensagem de caráter narrativo e simbólico. Nesse caso, a teologia cristã não busca “oferecer uma explicação científica do mundo e da realidade em geral, mas manifestar o *sentido da existência humana* [...]” (MacDowell, 2011, p. 101, grifo do original). A filosofia seria distinta da teologia ao pretender responder à questão do sentido último da existência sem fundamentar-se sobre o conteúdo de uma revelação divina, “mas buscando tal resposta mediante a investigação da razão sem qualquer pressuposto religioso” (MacDowell, 2011, p. 102). A ciência, por sua vez, explicaria os fenômenos do mundo da natureza, mas Deus, não sendo compreendido como realidade intramundana, não seria observável. Em outras palavras, “Deus não é uma hipótese que possa ser verificada ou falsificada pela investigação científica” (MacDowell, 2011, p. 103).

João A. MacDowell afirma ainda que, na comunidade científica contemporânea, é comum a ideia de que só tem valor o conhecimento que é comprovado experimentalmente. Só que essa afirmação não pode ser comprovada por nenhuma ciência: “Não é uma proposição de caráter científico, mas filosófico, e, na verdade, insustentável” (MacDowell, 2011, p. 120). Stephen LeDrew denomina como ateísmo científico a visão de mundo não religiosa Richard Dawkins. No início do século XXI, essa visão de mundo de índole neodarwinista seria uma expressão de neoteísmo, compartilhado por outros cientistas como Daniel Dennett e Sam Harris, e que se apresentaria no espaço público como uma defesa vigorosa de uma visão da modernidade baseada na noção de progresso e civilização e “caracterizada principalmente pela propagação da racionalidade científica nas instituições políticas e sociais, e na cultura em geral” (LeDrew, 2016, p. 59, tradução minha).

Considerações finais

Em *Fome de saber: a formação de um cientista*, autobiografia que escreveu, Richard Dawkins afirma: “Charles Darwin é o meu maior herói das ciências” (Dawkins, 2015, p. 295). Em *O relojoeiro cego*, ele diz que “antes de Darwin, o ateísmo até poderia ser *logicamente* sustentável, mas que só depois de Darwin é possível

ser um ateu intelectualmente satisfeito” (Dawkins, 2001, p. 24-25). Essas duas afirmações reafirmam aquilo que procurei mostrar ao longo do artigo: um cientista epistemologicamente (neo) darwinista. O ateísmo de Richard Dawkins nasceu no cenário científico inglês neodarwinista das últimas décadas do século XX. As páginas de *Deus, um delírio* mostram isso, ainda que nas críticas ao livro ganhe evidência o fato de o autor não demonstrar um conhecimento satisfatório em teologia e ter uma visão reducionista sobre a religião, a qual, para ele, historicamente teria demonstrado ser um fenômeno social eminentemente nocivo. Já o objetivo deste meu artigo foi enfatizar as bases epistêmicas do ateísmo de Richard Dawkins. É por esse caminho que considero possível uma crítica mais consistente.

O ateísmo de Richard Dawkins representa uma possibilidade de se definir uma visão de mundo não religiosa. Como já escrevi em um artigo (cf. Silva, 2020), Charles Darwin foi cauteloso em analisar a religião pelo crivo da teoria da seleção natural, ainda que em âmbito privado tenha manifestado ceticismo sobre a existência de Deus. Richard Dawkins não demonstra essa cautela, e penso que isso em parte se explica em razão de sua luta pela aceitação social do ateísmo e contra a ameaça que o fundamentalismo religioso representaria para as sociedades seculares. Mas tentar analisar os temas referentes ao universo religioso sob o prisma do neodarwinismo pode ser arriscado, uma vez que esse referencial não foi elaborado para abordar o conceito de Deus. Talvez o caminho mais frutífero para isso seja aquele por meio do uso do instrumental conceitual da teologia e da filosofia da religião. Ainda assim, a obra de Richard Dawkins faz parte da história intelectual do ateísmo.

Referências bibliográficas

BURLESON, Donald R. Richard Dawkins. In: JOSHI, S. T. (Edited). *Icons of unbelief: atheists, agnostics, and secularists*. London: Greenwood Icons, 2008, p. 27-38.

DAWKINS, Richard. *O relojoeiro cego: a teoria da evolução contra o desígnio divino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.

DAWKINS, Richard. *Fome de saber: a formação de um cientista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

EAGLETON, Terry. Lunging, Flailing, Mispunching. *London Review of Books*, v. 28, n. 20, Londres, 2006.

FERREIRA, Maria Helena Azevedo. *Ateísmo, neoateísmo e o “problema” da religião no século XXI: uma análise da obra Deus, um delírio (2007) de Richard Dawkins*. Dissertação (Mestrado em História), UEM, Maringá, 2017.

FRANCO, Clarissa de. *O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), PUC-SP, São Paulo, 2014.

GRAFEN, Alan. The intellectual contribution of *the selfish gene* to evolutionary theory. In: GRAFEN, Alan; RIDLEY, Mark. (Edited). *Richard Dawkins: how a scientist changed the way we think*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 66-74.

KROTO, Harry. Depoimento. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3mWdGea>. Acesso em: 2 set. 2020.

LEDREW, Stephen. *The Evolution of Atheism: The Politics of a Modern Movement*. Nova York: Oxford University Press, 2016.

MACDOWELL, João A. Evolução versus criação: falso dilema. *Veritas*, v. 56, n. 02, Porto Alegre, 2011, p. 84-120.

MCGRATH, Alister; MCGRATH, Joanna. *O delírio de Dawkins: uma resposta ao fundamentalismo ateu de Richard Dawkins*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

PAINE, Scott Randall. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. *Horizonte*, v. 08, n. 18, Belo Horizonte, 2010, p. 09-26.

PINKER, Steven. Depoimento. 2008. Disponível em: Disponível em: <https://bit.ly/3p1AVWg>. Acesso em: 2 set. 2020.

PLANTINGA, Alvin. Dawkins, uma confusão: naturalism ad absurdum. 2007. Disponível em: www.monergismo.com. Acesso em: 31 ago. 2020.

RUSE, Michael. *Monotheism and Contemporary Atheism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

SILVA, Ricardo Oliveira da. Charles Darwin: ateísmo e evolucionismo no século XIX. *História: debates e tendências*, v. 20, n. 01, Passo Fundo, 2020, p. 53-69.

TOLEDO, Gustavo Leal. Em busca de uma fundamentação para a memética. *Trans/Form/Ação*, v. 36, n. 01, Marília, 2013, p. 187-210.

VIEIRA, Eduardo Paiva de Pontes; CHAVES, Silvia Nogueira. Três décadas de genes egoístas: discutindo algumas premissas do *best seller* de Richard Dawkins. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 09, n. 01, Belo Horizonte, 2009, p. 01-12.

WATSON, James D. Depoimento. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/36mC6XV>. Acesso em: 2 set. 2020.

Recebido em 09/11/2020, aceito para publicação em 29/11/2020.